
FERNANDO PESSOA OU O EU-COBERTO
ENSAIO SOBRE O LIVRO MENSAGEM

Orlando Fonseca
UFSM

Introdução

Dentre os trabalhos da obra heteronímica de Fernando Pessoa, o livro *Mensagem* destaca-se como o único a ser publicado pelo autor, ainda em vida. Os poemas que o compõem foram escritos entre 1913 e 1934, ano da primeira edição, pontuando o percurso literário do autor, manifestamente imbuído de um ideal patriótico, messiânico e regenerador. Trata-se, portanto, da obra que se esquadrinha ao longo de sua vida, justificando-se com a publicação, de certo modo, a importância pessoal dada pelo autor ao caráter nacionalista da mesma, assinalando pelos símbolos esotéricos e pátrios, emblemas e mitos históricos.

Mensagem mantém com o poema épico de Camões, *Os Lusíadas*, a mesma identidade espiritualista e profética da poesia nacional portuguesa. À parte semelhanças formais e temáticas eventuais, tanto Camões como Pessoa cantam a regeneração das glórias perdidas de Portugal: aquele através do Cristianismo, e este pelo misticismo do

Quinto Império, numa espécie de “paganismo superior”, segundo o próprio poeta.

O conjunto de proposições poéticas de *Mensagem* sugere um painel histórico e simbólico, onde a I parte, “Brasão”, significa a proposta portuguesa ao mundo; onde a II parte, “Mar português”, exprime a justificação marítimo-imperial de tal proposta; e onde a III parte, “O encoberto”, constitui a síntese escatológica das anteriores.ⁱ Mais intensamente do que se pode perceber na poesia épica de Camões, na *Mensagem* pessoana avulta o sentimento - o “sofrimento patriótico” como ele mesmo define a perspectiva de sua arte. Logo, ainda que impregnado de elementos históricos, o resultado poético de *Mensagem* não se traduz em obra épica. Para Jacinto do Prado Coelho, em comentário sobre esse mesmo livro de Pessoa, o que ocorre na obra é uma “interiorização da matéria épica, tão perfeitamente integrada no clima subjetivo do autor que as figuras de epopéia se transformam em suas intercessoras ou símbolos das vivências pessoais”.ⁱⁱ Como se verá mais adiante, traduz-se muito mais em obra lírica, em que se divisa a História como intimidade de um sujeito poético costurado em metáforas e alegorias. Tangenciando os eventos históricos remotos e simbólicos, projeta luz sobre os vivenciados na experiência empírica do sujeito que preside a criação, contemporâneos ao gesto da produção da obra.

Todo esse mosaico (português) de símbolos hieráticos e reminiscências históricas implica, num primeiro plano, a grandeza histórica de Portugal e a expansão marítima, mas, num segundo plano e principalmente neste, remete ao sentimento pátrio de um sujeito em crise num Portugal em crise, no início do séc. XX. Portanto, uma leitura crítica que busque evidenciar a identidade deste sujeito, a identidade da Nação portuguesa ressonante na galeria dos símbolos pátrios e a confluência mesma dessas identidades, conformadas nos poemas, deve tender para a apreensão do caráter alegórico das composições, pois a análise do texto depara-se com um condicionante crítico: o tempo.

Alegoria e temporalidade

Segundo Paul Smith, no ensaio *The Rethoric of temporality*^{III}, a prevalência da alegoria sempre corresponde à revelação de um destino autenticamente temporal. Esta revelação assume o lugar em que o sujeito encontrou um refúgio contra o impacto do tempo em um mundo natural para onde, em verdade, não carrega alguma semelhança. No mundo do símbolo seria possível coincidir imagem e substância, desde que não diferissem no ser, mas na extensão, constituindo-se como parte e todo da mesma proposição de categorias. Goethe, como de resto, a maioria dos românticos, já apontava para esta intransitividade do símbolo, segundo a qual, no mesmo se "vê o universal no particular". Já no mundo da alegoria, o tempo é uma categoria constitutiva, uma vez que a relação entre signos necessariamente contém um elemento temporal, pois o signo alegórico refere a um outro que o precede. Assim, diferentemente do simbólico, o alegórico consiste somente na repetição de um signo prévio com o qual nunca pode coincidir, pois é da essência deste signo prévio ser pura anterioridade.

Ainda segundo Smith, enquanto o símbolo postula a possibilidade de uma identidade ou identificação, a alegoria designa primariamente uma distância em relação a sua própria origem, e, renunciando à nostalgia e ao desejo de coincidir, estabelece sua linguagem no vazio desta diferença temporal. Enquanto o símbolo postula uma simultaneidade, a alegoria aparece como um modo sucessivo, capaz de engendrar duração como ilusão de continuidade. Benjamin, em seu ensaio sobre o drama barroco alemão, alude à distinção entre símbolo e alegoria neste mesmo aspecto: "Para poder ser a contraparte do mergulho contemplativo, a alegoria precisa desenvolver-se sempre nova, sempre surpreendente. O símbolo, ao contrário, conforme a visão dos mitólogos românticos, permanece sempre o mesmo". A sucessividade da alegoria, na concepção benjaminiana, decorre da relação do alegórico com o fragmentário. Mas, ao contrário do que se possa supor, não vigora a desordem, nem a ausência de sentido neste caos da transposição dos objetos pelo alegorista. Benjamin contrapõe símbolo - na acepção dos românticos -, a alegoria, para situar o fato de que, nesta a última, pode-se encontrar o verdadeiro sentido da história:

(...) na alegoria a facies hipocratica da história se apresenta aos olhos do contemplador como uma paisagem arcaica petrificada.

A história, com tudo o que desde o início ela tem de extemporâneo, sofrido, malogrado, se exprime num rosto - não, numa caveira. E como lhe falta toda liberdade "simbólica" da expressão (...), essa figura, de todas a mais sujeita à natureza, expressa não apenas a natureza da existência humana em geral, mas a historicidade biográfica do indivíduo, de modo altamente significativo sob a forma de um enigma.^{iv}

1. Pessoa: tempo e alegoria

Na representação simbólica de *Mensagem*, temos uma "atemporalidade" que transita do passado de glória, com a expansão marítima portuguesa, ao futuro "nebuloso", com a vinda do "Encoberto" e a implantação do Quinto Império cultural ou espiritual. Segundo José Augusto Seabra, a experiência simbólica de *Mensagem* identificada como analogia, enquanto essência da própria experiência poética, não é um fato isolado na poética pessoana, mas constitui-se na manifestação sistematicamente elaborada de simbolismo esotérico.^v

Mas é de se supor que essa obsessiva remissão aos mitos históricos e aos signos iniciáticos e proféticos vela mais do que revela. A precária representação épica de *Mensagem* é o indício de uma representação dramático-lírica, produto dos choques, à maneira benjaminiana, composta das possibilidades não concretizadas da história, percebida pela experiência individual do sujeito criador. Para dar conta do contexto histórico e pessoal, é preciso proceder um trabalho hermenêutico que esquadrinhe os textos em busca dos fragmentos em que as ruínas de seu tempo e converteu, mercê da representação alegórica do artista.

A atitude do leitor da alegoria deve ser a do analista diante do conteúdo onírico: o de pôr em suspeita o significante (conteúdo manifesto) ou a articulação manifesta significante e buscar o significante velado (conteúdo latente) que contém o desejo (nos trabalhos oníricos) e os propósitos mais profundos da escritura. Assim como nos sonhos, segundo Freud, em que as representações oníricas misturam repertórios

de duas matrizes básicas: as experiências da vigília imediata e os recalques da infância remota, também é possível inferir uma equivalência, na obra de Pessoa, entre símbolos que remontam aos séculos XI a XVI e alegorias de um momento histórico vivido, a saber, primeiras décadas do século XX, em Portugal. Se confrontarmos duas passagens da obra ortônima, a saber, os versos: "O homem e a hora são uma só" e ainda "Ó Portugal, hoje és nevoeiro.../ É a hora!" (às quais voltaremos ao longo desse ensaio) de *Mensagem*, com o verso do poema "Hora absurda": "Chove outro baço, mas não no lá-fora... E de mim... Sou a Hora" do "Cancioneiro", pode-se assinalar que há um fio que perpassa, na dimensão do sujeito poético, a essência da noção de indivíduo e Pátria, na concepção do tempo - "Hora", na poesia de Pessoa, a qual cabe investigar.

Maria da Glória Padrão, em *A metáfora em Fernando Pessoa*, observa sobre a questão do tempo na poética pessoana: "A vida do poeta, condicionada por uma temporalidade psíquica, vai originar uma determinada linguagem na sua obra. A dialética temporal dos seus versos está na sucessão direta da dialética ontológica de um eu real que foge para perseguir um eu imaginário."^{vi} Posta em relação a sua obra de um modo geral, essa afirmação sublinha o que se convencionou chamar de obra heterônima, na qual se percebe uma carga emocional que tende a apresentar o tempo passado acima do tempo vivido. Na seqüência do ensaio, Padrão conclui a idéia de que Pessoa "inventa" o modo de se ligar ao tempo: "O poeta sabe que o passado está a ser imaginado no presente e não no-lo esconde."^{vii}

Em *Mensagem*, esse condicionamento temporal pode ser depreendido de muitas formas, mas no poema com o título "D. João, o Primeiro", o poeta é explícito: "O homem e a hora são um só".^{viii}

Na seqüência dos versos, observa-se que Pessoa estende misticamente o sentido como o desenrolar da história, e o faz de um modo ambíguo de forma que a ação divina tanto pode se dar concreta e historicamente, como pode ser algo autônomo e soberano, paralelamente ao devir histórico no qual o tempo e o humano subsistem: "Quando Deus faz e a história é feita."(p.48).

Ainda quanto ao trato dado pelo poeta à dimensão tempo em *Mensagem*, é interessante salientar o modo como esse aparece no

primeiro e no último poema do livro, em menções peculiaríssimas: "Ó Ocidente, futuro do passado."(p.45) e "É a Hora!"(p.66).

No primeiro caso, uma identificação espacial "Ocidente", com letras maiúscula, tem como aposto a referência temporal com a qual se poderia inferir uma possibilidade de "presente". Contudo, como tudo em Pessoa, a ambigüidade da proposição não permite um fechamento tal, mas aduz a noção de "tempo incerto", um devir, mais do que um porvir.

Há algo também de mais significativo do que a simples cronologia no cuidado de aposição de datas aos poemas, especialmente no caso de *Mensagem*. As datas, como se verá mais adiante, são importantes para se estabelecer um nexos entre a produção e o transcurso histórico que tem na data um início importante cifrado pelo poeta.

2. Pessoa: tempo de ironia

Tal como já se observou anteriormente, no mundo da alegoria, o tempo é uma categoria constitutiva que, enquanto predicação, aponta para uma divisão do sujeito. Smith, no já mencionado ensaio, aproxima a representação alegórica da ironia, enquanto categoria estética, através do "desdobramento" do sujeito, designante da atividade da consciência. A natureza desta duplicação é essencial para um subentendimento na ironia. O sujeito do enunciado situa-se numa posição de superioridade em relação ao objeto. A dialética situacional superioridade/inferioridade, nesse caso, é um expediente de metáforas espaciais, indicativas da descontinuidade e da pluralidade de níveis em um sujeito que vem a conhecer a si mesmo por uma crescente diferenciação do que não é.

A linguagem irônica, portanto, divide o sujeito em um eu empírico que existe em um estado de inautenticidade e em um eu que existe somente na forma de uma inerente tendência a ganhar momento e não parar até ter percorrido curso completo. Em termos temporais: engendra uma seqüência temporal de atos de consciência a qual é interminável.^{ix} Desse modo, o ato de ironia revela a existência de uma temporalidade que é definitivamente não orgânica, pela qual relaciona-se com suas fontes somente em termos de distância e diferença e admite um não-fim, uma não totalidade. "A ironia divide o fluxo de experiência temporal

em um passado que é pura mistificação e um futuro que permanece inquieto para sempre por uma reincidência inautêntica.”^x

Alegoria e ironia estão ligadas pela descoberta comum de uma verdadeira situação temporal. É comum a ambas a desmistificação de um mundo orgânico postulado no modo simbólico de correspondências analógicas, ou em um modo mimético de representação, no qual, ficção e realidade pudessem coincidir. A ironia se aproxima do padrão da experiência fatural, enquanto sucessão de momentos isolados vividos por um eu dividido. “Essencialmente o modo do presente, não conhece num memória nem duração prefigurativa, ao passo que a alegoria existe inteiramente em um tempo ideal que é nunca aqui e agora, mas sempre um passado e um futuro interminável.”^{xi} Enquanto a ironia dá-se como estrutura sincrônica, na alegoria a sucessividade engendra uma duração como ilusão de continuidade. Segundo Smith, são faces da mesma experiência de tempo.

São muitos os exemplos, na obra ortônima e heterônima, de um Pessoa irônico, em versos tais como: “lagarto a quem cortam o rabo/ E que é rabo para aquém do lagarto, remexidamente”. Especificamente na *Mensagem*, é possível recolher muitos exemplos da ironia pessoana, marcada por paradoxos desconcertantes e estranhamentos: “Os Deuses vendem quando dão.”(p.45); “E ouve um silêncio murmuro consigo”(p.48); “Sem a loucura que é o homem/ Mais que a besta sadia,/ Cadaver adiado que procria?”(p.51)

Segundo Perrone-Moisés, o caráter irônico de Pessoa subsiste em sua obra em função de seu desconcerto com o mundo, a saber o momento histórico em Portugal:

Na poesia de Pessoa, essa situação propriamente neurótica (complexo de superioridade e de inferioridade) procura resolver-se pela ironia; em sua obra política, ela se compensa em propostas de reformas sócio-culturais nitidamente autoritárias, na verdade tão destituídas de efeitos práticos quanto qualquer poema.”^{xii}

Mensagem cifrada: tempo de alegoria

A partir do exposto, a perspectiva de leitura que será feita do texto de *Mensagem* é de que, como alegoria, o mesmo remete ao contexto histórico contemporâneo à experiência empírica de Fernando Pessoa. O sujeito lírico, que articula e preside a relação entre signos poéticos, sucede no texto aos choques percebidos pelo autor no contato com o tempo histórico. O resultado estético vela o caráter de juízo de época, presente na sucessão dos versos que, na aparência, apontam para uma época histórica remota, por meio dos símbolos. Desse modo, é preciso perscrutar os eventos históricos, cotejando-os com as informações pontuais a respeito da vida do autor e do processo de produção do texto em estudo.

1. Contexto histórico da produção

O poema com data mais remota, em *Mensagem*, é "D. Fernando, Infante de Portugal", de 27 de julho de 191. Entre essa e a próxima data, há um lapso de cinco anos, pois o grupo de poemas seguinte, como "Padrão" e "O Monstrengo", são escritos em 1918; depois, ao longo dos anos seguintes, são escritos os poemas restantes, sendo que a última data é a do poema "Os Colombos", 2 de abril de 1934, ano anterior à morte do poeta.

O quadro cronológico dos eventos históricos em Portugal, no período destacado, é o seguinte:

- 1910 - movimento revolucionário que pôs fim à monarquia; instabilidade: em 16 anos, oito presidentes e cinquenta mudanças de governo.
- 1914-1918 - Primeira Grande Guerra.
- 1917 - as forças que se opunham à entrada de Portugal na guerra, de direita, desencadearam a revolução de Sidónio Pais, que estabeleceu a ditadura; no fim de 1918, Sidónio foi assassinado.
- 1920-1926 - fase mais agitada da República; crise econômica com o fim da guerra; corporações sindicais anarquistas realizaram inúmeros movimentos grevistas. Isso pôs em alerta a consciência pequeno-burguesa, com o apelo à ditadura.
- 28/5/1926-1933 - início de um golpe militar.

Uma observação importante: dos 44 poemas de *Mensagem*, 26 foram escritos neste período e 1 não têm data.

Às vistas de alguns, a primeira República foi um período totalmente negativo, porque substituiu a autoridade pela demagogia, desorganizou o aparelho do Estado, tornando-o incapaz de resolver problemas reais, empobreceu o país, retardou o progresso econômico, agravou a dependência semicolonial em relação à Inglaterra. Para outros, o processo democrático interessou o povo no processo político, realizou importantes mudanças na legislação da família e do ensino, defendeu os domínios ultramarinos, permitiu a formação de uma mentalidade política civilizada. Para manter a ordem pública, foram tomadas medidas de exceção, como censura prévia à imprensa e repressão violenta com o intuito de sufocar contragolpes. Para equilibrar as contas públicas foram contraídos empréstimos estrangeiros, às custas de imposições ofensivas à independência. Antonio de Oliveira Salazar, professor de Finanças da Universidade de Coimbra, estabilizou as finanças do governo e se tornou o homem forte do Governo Militar. Em 1932, foi nomeado presidente do Conselho de Ministros: nomeou civis, a maioria professores de curso superior. A tarefa deste novo governo era a de fazer uma transição da ditadura para a normalidade constitucional. Com uma nova constituição submetida a um simulacro de plebiscito, começa o Estado Novo, 1933-1974. Salazar ficou até 1968 à frente de um governo ditatorial.

António Quadros, um dos biógrafos de Pessoa, faz uma cronologia da idéia de obra patriótica em Pessoa, a partir de uma afirmação do próprio: "Porque a idéia patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propósitos, avulta agora em mim, e não penso em fazer arte que não medite fazê-lo para erguer alto o nome português através do que eu consiga realizar."^{xiii}

- 1908 - escreve em seu diário (30/10/1908), três anos depois de chegar a Lisboa, sobre o seu sofrimento patriótico e a intenção de realizar vários projetos de ação e pensamento de sentido nacional;

- 1912 - anúncio de um *Supra-Camões*, a quem caberá preparar e lançar um ressurgimento assombroso, a caminho de uma "Índia Nova, que não existe no espaço";

- 1913 - poema "Gládio", escrito para sair na revista *Orpheu*, nº 3, que foi impressa mas não publicada; no livro *Mensagem* recebe o título de "D. Fernando, Infante de Portugal":

Deu-me Deus o seu gládio, porque eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.

"É patentemente numa poesia expressiva da investidura que a partir daí o poeta se assume como um cavaleiro-monge de Deus e sente-se, como dirá mais tarde na *Mensagem* (...) iniciado do alto e verdadeiramente investido de uma missão divina junto do seu povo."

- 1914 - carta a Sampaio Bruno, pedindo informações sobre o Sebastianismo;
- 1915 - participação na Revista *Orpheu*, com o poema "Ode marítima";
- 1918 - novas poesias que, como "Gládio", também serão integradas na *Mensagem*;
- 1920 - escreve a "Ode à memória do Presidente-Rei Sidónio Pais";
- 1926 - artigo polêmico "Portugal-Império", entrevista a Augusto da Costa;
- 1928 - texto polêmico e político "O interregno", com a defesa da ditadura em Portugal;
- 1923-1935 - poema "Quinto-Império";
- 1934 - poema "Elegia na sombra".^{xiv}

Esta cronologia desenha um itinerário que, iniciando com um "intenso sofrimento patriótico" e pelo anúncio do *Supra-Camões*, deságua na convicção de que ele próprio, Fernando Pessoa, está investido de uma missão divina, é um emissário de Deus, traz aos portugueses uma mensagem vinda do alto. Cavaleiro de um ideal, é também o herói de uma aventura literária e profética, e ao mesmo tempo o mártir crístico de uma frustração humana que é simultaneamente paixão e iluminação.^{xv}

A intensa preocupação temática, voltada ao patriotismo exacerbado, observada em Pessoa, não é um fato isolado e exclusivo do poeta. Em 1912, surgia o movimento *Renascença Portuguesa*, liderado por Teixeira de Pascoaes. Segundo Hernâni Cidade, em torno de Pascoaes reunia-se a geração mais desligada da política republicana, ou por sua juventude ou por seu temperamento; foi sobretudo impressionada

pelo tumulto, fechada num esteticismo quase estanque. Três anos depois foi fundada a Revista Orpheu, marco inicial do modernismo na literatura portuguesa. Outros grupos intelectuais ainda surgiram: o grupo integralista, que procurava a solução dos problemas fundamentais da Nação no regresso à monarquia orgânica, oposta à República tanto como à monarquia liberal, e o grupo republicano da Seara Nova, desligado da Águia a seguir à Primeira Grande Guerra, no intuito de exercer sobre a política portuguesa uma crítica mais circunstancial e uma ação mais direta.^{xvi}

Integrado inicialmente ao movimento, Fernando Pessoa apresentou na Revista Águia, dois artigos capitais para se entender o sentido de missão patriótica que aparece concretamente na sua obra *Mensagem*. "A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada", seguido de outro que intitulou "A nova poesia portuguesa no aspecto psicológico". Nesses textos, o poeta faz uma analogia com o contexto de evolução da poesia francesa e inglesa, da qual deriva um prognóstico ufanista para o caso da literatura portuguesa. E ainda torna pública a singularidade do seu propósito artístico: "Tudo indica, portanto, (...) o breve aparecimento na nossa terra do tal supra-Camões."^{xvii} Difícil discriminar a sinceridade da mistificação, mas dos artigos e depoimentos do autor, depreende-se a compreensão da História que se confunde com o mito. Interpretação do idealismo platônico por um pensamento positivista, apresentado quase aforisticamente num dos versos famosos de *Mensagem*: "O mito é o nada que é tudo."(p.46)

Neste mesmo poema, "Primeiro/Ulysses", a despeito das poucas evidências de que Ulisses, de alguma forma, tenha fundado Lisboa, admitia que o herói grego, posto que na realidade não houvesse existido, demoradamente foi existindo como influência sobre o destino de Portugal. Veio como exemplo, como emblema: à procura da Pátria em aventuras marítimas e destemida audácia. Nos versos desse mesmo poema:

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade
E a fecundal-a decorre.(p.46)

Obtém-se aí a chave de interpretação dos vários mitos históricos que desfilam nos poemas de *Mensagem*. Pode-se ainda adiantar a

própria compreensão da história à luz do mito, ou a História feita mito, detalhe importantíssimo para uma leitura alegórica dos símbolos e eventos emblemáticos da obra analisada.

A par de uma ausência de atitude política mais conseqüente, na vida do poeta, o que aparece cifrado em sua obra, u nos artigos e entrevistas, é uma espécie de provocação a uma ação heróica. Mesmo sendo loucura, como a que se lê nos versos do poema "D. Sebastião, rei de Portugal":

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver addiado que procria? (p.51)

Impressionava-o a audácia e a tenacidade no afrontar e vencer os terrores que o cobriam, e também a exemplar disciplina com que a vontade dos chefes retesava aos pilotos dos Descobrimentos os músculos que lhe atava aos lemes, para o cumprimento de um destino transcendente. Como fica bem estabelecido ao longo do poema "O Monstrengo", e que é sintetizado pelos versos finais:

Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo! (p.55)

Considere-se o fato de que esse poema vem datado de 9 de setembro de 1918, rico em eventos cruciais não só para Portugal, com a instabilidade do regime republicano, primeiro golpe militar e a ditadura de Sidónio Pais, mas também para a humanidade toda, com o fim da Primeira Grande Guerra.

É notório na recuperação do perfil do indivíduo e do artista, Fernando Pessoa, através de suas manifestações e dos depoimentos de seus pares, que o poeta era marcado por paradoxos e contradições. Nos textos reunidos sob o título de "Páginas de doutrina estética", fez várias afirmações contrárias a qualquer patriotismo ou nacionalismo: "A indiferença para com a Pátria, para com a Religião, para com as chamadas virtudes cívicas e os apetrechos mentais do instinto gregário são não úteis, mas deveres do artista."^{xviii}

Assim, não é possível uma afirmação estável, no limite de sua identidade civil, de um compromisso ou descompromisso político de Pessoa, em relação aos movimentos nacionalistas no poder. A visão patriótica é essencialmente esotérica e messiânica, assumindo um simbolismo poeticamente estruturado em *Mensagem*.

Importante também para a recuperação do sujeito complexo dessa obra, destacar pontos de nota biográfica, que de próprio punho escreveu Fernando Pessoa:

.....
Ideologia política: Considera que o sistema monárquico seria o mais próprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarquia completamente inviável em Portugal. Por isso, a haver plebiscito entre regimes votaria, embora com pena, pela República. Conservador do estilo inglês, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reacionário.

Posição religiosa: Cristão gnóstico, e portanto inteiramente oposto a todas as Igrejas organizadas, e sobretudo à Igreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adiante estão implícitos, à Tradição Secreta do Cristianismo, que tem íntimas relações com a Tradição Secreta de Israel (a Santa Kabbalah) e com a essência oculta da Maçonaria.

.....
Posição patriótica: Partidário de um nacionalismo místico, de onde seja abolida toda infiltração católica-romana, criando-se, se possível for, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente, se é que no catolicismo português houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lema:

"Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação".

Posição social: Anticomunista e anti-socialista. O mais deduz-se do que vai dito acima.

Resumo destas últimas considerações: Ter na memória o mártir Jacques de Molay, Grão-Mestre dos Templários, e combater, sempre e em toda parte, os seus três assassinos - a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania.

Lisboa, 30 de Março, de 1935.^{xx}

Evidentemente, mesmo sendo um resumo autobiográfico, e mesmo por isso, por mais significativo que possa ser, não abrange a amplitude e a complexidade que a experiência empírica do sujeito tem para com a sua obra. Entretanto, especificamente, em relação a *Mensagem*, torna-se, se não elucidativo, ao menos instigante, no sentido de que o conteúdo profundo desses poemas representa um juízo contundente dos fatos históricos decorridos no período em que os mesmos eram compostos. Nessa direção, é preciso proceder a uma investigação mais estrita dos indícios do sujeito que preside o arranjo interno de *Mensagem*.

No conjunto da obra, o sujeito lírico pessoano assume a dimensão conferida pela complexidade heteronômica. Mesmo se considerarmos o fato de que *Mensagem* vem assinado com o próprio nome do poeta, em confronto com a série literária, pode-se dizer que, assim como aos heterônimos são conferidas biografias particularizadas pela inventividade do autor, à obra ortônima o poeta empresta a sua própria experiência. Assim, o sujeito em crise de identidade, apresenta-se em *Mensagem* em busca de definição no desfile dos símbolos e personalidades históricas. Seabra, no seu trabalho sobre a poesia de Pessoa, *Fernando Pessoa ou o poetodrama*, nota que a estrutura da *Mensagem* manifesta-se dramaticamente como uma cena da escrita-leitura, em que a ação e os atores não são outros senão os próprios símbolos, proliferando dialogicamente entre si. Trata-se, no sentido próprio do termo, de uma dramaturgia simbólica, que é mais uma das formas que assume o poemodrama.^{xx}

Segundo as teorias lingüísticas do enunciado, o sujeito é um fato ficcional, que se evidencia de diferentes maneiras, pelos recursos da língua, como os pronomes e dêiticos, ou como as modalizações e aspectos verbais. Ao longo dos poemas, é possível anotar diferentes manifestações do sujeito em seu ambiente de enunciado, manifesto pelas formas do vocativo ou da interrogação. Na maior parte dos poemas, as personagens e emblemas históricos são apresentados em terceira pessoa. Mas, em alguns poemas, aparece o sujeito na forma da primeira pessoa do plural: "Sem existir nos bastou. (...) E nos creou."(p.46); "Vivemos, raça, porque houvesse/ Memoria em nós do instinto teu."(p.46); "Ó mar anterior a nós, teus medos"(p.53); "Outros poderão achar/ O que, no nosso encontrar, / Foi achado, ou não achado"(p.56); "por te cruzarmos, quantas mães choraram, (...) Para que fosses nosso, ó mar!"(p.58); "E com elles de nós se foi"(p.64); "Que jaz no abysmo sob o mar que se ergue?/ Nós, Portugal, o poder ser."(p.65)

O sujeito poético imerso na pluralidade pretende abarcar a noção de povo - um eu coletivo que dimensiona a alma portuguesa diante do seu destino e de sua história, articulado pelas referências peculiares da origem, do mar, da saudade, e do mistério. A aparição de uma primeira

pessoa que se apresenta e apresenta os fatos e juízos, se divide entre um "eu" que está na fala do sujeito e em "eu" que reproduz o sujeito da ação expressa. Nesse último caso, o recurso usado é o de marcar o poema no título com a definição de um personagem da história portuguesa, mas de modo tão genérico que, de maneira ambígua, remete também para compor no conjunto a alma portuguesa" na aspiração do sujeito poético.

É significativo ainda o uso que o poeta faz dos aspectos e modos verbais: há uma constante convivência entre mundo comentado - o objeto transcorre mais como predicativo, do que como ação; e mundo narrado, como resgate de personagens e ações históricas. Desse modo abundam o infinitivo, o tempo presente e o presente contínuo: "Os deuses vendem quando dão."(p.45); "O mitho é o nada que é tudo"(p.46); "Na noite escreveu um seu Cantar de Amigo/ (...) E ouve um silencio"(p.48). Igualmente a presença do vocativo assinala a posição do emissor que se dirige a um destinatário interno do enunciado: "Ou tu, ou o de que eras a haste"(p.46); "O mãe de rei e avó de impérios,/ Vella por nós!"(p.47); "Pae, foste cavalleiro"(p.48)

Em dois poemas apenas, o sujeito lírico se apresenta em primeira pessoa, sem que o tema esteja marcado pelo título ou pela nomeação de personalidade histórica. Na forma de exaltação e anseio de abarcar o coletivo em um, e na forma de metalinguagem no outro, referindo o fazer literário, revelam uma linguagem eminentemente emotiva.

XI. A ULTIMA NAU

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlantica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo teu vulto baço
Que torna.(p.58)

TERCEIRO

Screvo meu livro à beira-magua
.....
Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anseio que Deus fez? (p.63)

No primeiro caso, o sujeito poético explicita o seu projeto de, esvaziando-se de qualquer individualidade, assumir a personalidade plural, do povo. Nessa afirmativa, adianta um julgamento na expressão "quanto mais ao povo a alma falta". Naturalmente que não se trata da referência àquele estrato da sociedade portuguesa que recebe a "glomourização" do emblema nas referências poética anteriores, os heróis da Pátria; com certeza o poeta olha a sociedade da época - começo do século XX, afeitas à "decadência" daqueles valores que o poeta tende a preservar nomeando as grandes figuras do passado. Significativo para essa leitura a palavra usada para rimar com "falta", na seqüência do verso seguinte: "a minha alma atlantica se exalta". Na metáfora usada para adjetivar a própria "alma", a retomada do elemento fundamental das grandezas históricas pretéritas: o Atlantico, assume em alegoria o motivo de compensação da pequenez histórica do povo do presente, preparando-o para um tempo do "mysterio" e da redenção.

No poema "Terceiro", o poeta "considera o fato da criação poética, aproximando o ato da escritura ao da missão oculta, mítica e profética. O elemento "água", que no poema anterior aparece na forma alegórica do "Atlântico", do mar, agora aparece como "magua" - em que a grafia idiossincrática mantém a referência do signo primário, em uma apresentação emotiva, quase referencial, na passagem "olhos quentes de água". A mistura de procedimentos de construção artística, patriótica e mística é marcada por um sentimento que remete ao lirismo, mais do que ao épico. Tal sentimento traduz-se como "saudade", que assume um significado restrito pelo contexto cultural da tradição portuguesa.

Fernando Pessoa é, reconhecidamente, um gênio poético acuado num país que atravessa ele mesmo uma crise política e econômica, pelo que se observou de modo pontual anteriormente. O sujeito poético que julga, que se surpreende e exclama, nos versos de *Mensagem*, reflete uma tipicidade de inquietação com o estado das coisas e suas refrações no sentimento, mesmo em se tratando de um cidadão comum que, no interior de um poeta, faz-se verberação enfática:

Que jaz no abysmo sob o mar que se ergue?
Nós, Portugal, o poder ser. (p.65)

Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal! (p.53)

O sujeito de Pessoa, como já se disse, é um painel aberto de contradições: obsessão dos contrários, exaustivamente apresentados de modo a constituir uma estranha tentativa de conciliação. O lugar do sujeito na poética pessoana é o da contradição e do paradoxo. Em *Mensagem*, há inúmeros exemplos desse aspecto que estabelece, segundo a citada proposição de De Mann, a retórica da temporalidade na forma de ironia:

O mytho é o nada que é tudo.

.....
Foi por não ser existindo

.....
Por não ter vindo foi vindo. (p.46)

Em clarões negros do valle vão
Subitamente pelas encostas. (p.56)

Triste de quem é feliz! (p.60)

Ilha proxima e remota. (p.65)

Este fulgor baço da terra. (p.66)

Por vezes, a aproximação antitética tem a finalidade de dimensionar, em termos poéticos, o "mistério"; em outras, para referir à conveniência de contradições da existência e da realidade portuguesa, enquanto renovação do mito e a conservação do ideal: o sebastianismo, com o seu enredo místico de um rei que é e não é, e a saudade de um Portugal que foi e não é mais. Na primeira parte do livro, "Brasão", como a quinta "quina" aparece um D. Sebastião mais humanista, que fala em primeira pessoa, e estende o sentido da contradição para o da "loucura", com uma conotação inversa à da insanidade, mas definidora da confluência do místico com o patriótico:

QUINTA / D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL
Louco, sim, louco, porque quiz grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;

Por isso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver que procria? (p.51)

Já na terceira parte, "O Encoberto", sob o título "Os symbolos", a figura de D. Sebastião aparece não mais como "rei", mas, mantendo as formas verbais da primeira pessoa, faz um apelo em função conativa: "Sperae", num contexto mais carregado de misticismo e promessa:

PRIMEIRO / D. SEBASTIÃO
Sperae! Cahí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.
.....
É o que eu me sonhei que eterno dura,

É esse que regressarei. (p.60)

Duas palavras chamam a atenção para o sentido iniciático e fundador do sujeito místico, que encarna ao mesmo tempo "Encoberto" e o "Desejado" no sujeito de *Mensagem*: "immersa" e "intervallo". A primeira remete para a idéia de "batismo", principalmente por se tratar de "alma" e relacionar-se com um âmbito divino "Em sonhos que são Deus". Contudo, há duas expressões que mantêm o paradoxo: "Cahí", que se relaciona com a idéia de "queda", universalmente aceita como metáfora do mal, da impureza, do pecado, inda mais que se trata de uma "hora adversa"; mas, em Pessoa, "neopaganista", a idéia de queda, com a acepção cristã, não vigora; de modo que se pode estabelecer aí uma alegorização da "hora adversa" com o momento político vivido por Portugal. Há um reforço, nessa direção, na segunda expressão, "sonho", vinculada ao desejo que, para o sujeito pessoano, tem um vínculo estreito com o destino da Pátria. O perfil do poeta, preocupado com os rumos da República, imiscui-se, no projeto poético que retoma o mito, com os emblemas da Pátria histórica, para produzir um discurso que

anuncia um tempo - impreciso - de mudança. Como salienta Leyla Perrone-Moisés: "a poética de Pessoa é uma poética do entre (Interlúdio, Intermezzo, Interregno, Interseccionismo) - palavras privilegiadas em sua obra."^{xxi} Tal poética se evidencia como fenda e que, no peculiar processo do fingimento pessoano, instala os sujeitos em sua poesia.

2.1.O Estado profético

Na forma de projeto pessoal, o poeta manifestou um interesse vivo pela organização do Estado português, tendo inclusive deixado em seu espólio, obras sobre o tema. Em um desses textos deixados inéditos até sua morte, "Sobre Portugal", dedica muitas páginas ao sebastianismo e o Quinto Império. Em determinado trecho, afirma: "o sebastianismo é o único movimento profundamente nacional que tem havido entre nós, tendo a força de um movimento religioso, que é, e todo aquele cunho nacional que falta a todos os movimentos políticos entre nós."^{xxii} Segundo António Quadros, com a assunção do mito sebastianista como categoria de leitura histórica, a intencionalidade patriótica de Pessoa ganhou uma dição e um método:

A sua inclinação pagã, que já observamos, predispunha-o para a valorização das figuras carismáticas e por assim dizer simbólicas da nossa história, elevando-as à dignidade de heróis civilizadores ou mesmo semideuses. Entre todas, a de D. Sebastião transportava consigo a matéria subtil do mito, projetando-se pois muito para lá da sua situação temporal e histórica."^{xxiii}

De acordo com Pessoa, o livro *Mensagem* deveria se chamar inicialmente *Portugal*, mas que, por sugestão, trocou o nome concreto e próprio por um abstrato, observando que ambos os nomes têm o mesmo número de letras. Pessoa insinua uma vinculação de sua obra "missionário-poética" com o destino da Pátria; num primeiro momento, dedicando-se a uma hermenêutica "em causa própria" das trovas do sapateiro Bandarra:

Augurrai gentes vindouras,/ Que o rei, que de aqui há de vir,/ Vos há-de tornar a vir/ Passadas trinta tesouras, chegando a uma conclusão que leva o cumprimento da profecia ao ano de seu

acontecimento mais importante da vida nacional desde as descobertas; contudo, pela própria natureza do acontecimento, ele passou e tinha de passar inteiramente despercebido. (...) Mas (para dar uma opinião puramente pessoal) não creio que antes de uns dez anos, a contar de agora, o povo português venha a perceber do que se trata, da importância do caso. Então (e só então) se verá que estava certa a profecia do Bandarra.^{xxiv}

2.2. O Estado poético

Depois da fase do Orpheu, tendo-se lançado ao projeto de *Mensagem*, com os poemas de "Mar Português", em 1918, vê na figura de Sidónio Pais a reencarnação do Encoberto. Mas Sidónio é assassinado; e Pessoa numa página posterior à "Ode a Sidónio Pais", escreve que todos os "Encobertos" são figurações falsas. Em um texto polêmico, "O Interregno", abre espaço para se identificar, neste mesmo período, ele mesmo como as encarnações do encoberto, após decifrações astrológicas das quadras de Bandarra, nas palavras que encerram o aludido libelo da ditadura: "É esse o Primeiro Signal, vindo, como foi prometido, na hora que se prometera."^{xxv} O malogro das previsões proféticas, das datas e do caráter do mito, submetidas pela evidência da realidade, enclausurou Pessoa em seu projeto poético, no qual investiu muito de sua existência.

O futuro Império português, como a "Índia nova que não existe no espaço", seria, nas palavras do poeta, um Império cultural. É bastante conhecida a relação que Pessoa estabelece entre Pátria e Língua. Poeta em crise de língua, conforme Perrone-Moisés, Pessoa experimentava tanto a efervescência dos primeiros anos do modernismo português, como, ao mesmo tempo, procurava acomodar o ideal de um grande poeta épico "daquele 'supra-Camões' advindo num momento em que a glória das Navegações se perdia num passado longínquo."^{xxvi} Especialmente em *Mensagem*, o resultado, em termos de linguagem poética e gênero, é uma forma híbrida, como anota Seabra:

Numa nota sobre a hierarquia iniciática dos gêneros poéticos, Pessoa insere o gênero épico entre o gênero lírico e o dramático.

Mas ele apresenta como grau supremo da poesia a fusão de todos os gêneros numa forma poética que os englobaria e superaria. *Mensagem* parece ser uma tentativa de realização poética pangênérica: por isso dizemos que ela participa ao mesmo tempo da poesia lírica, épica e dramática.^{xxvii}

No que concerne ao uso peculiar da língua que faz o poeta, há muitos elementos a serem considerados numa leitura alegórica que busca a coincidência do sentido patriótico/profético como visão política. A linguagem sibilina e cifrada das profecias aparece no recurso de uma sintaxe arrevesada dos poemas. Ao nível dos recursos lingüísticos, reproduz no nacionalismo messiânico a confusão sintático-semântica peculiar de Bandarra, o que fica explícito como procedimento num dos versos: "Confuso como o universo/ E plebeu como Jesus Christo (...)/ Mas Deus sagrou com seu signal". A ruptura, ao nível da linguagem, com uma sintaxe alterada, trazida pelo modernismo, está presente na obra, a despeito da intenção épica e da tradição: intercalações, uso extremamente peculiar dos tempos verbais, elipses, despreocupação com a possibilidade de o texto resultar truncado. Também a opção por uma grafia anacrônica (a par dos propósitos ocultos de sua iniciação), como recurso de preservação do caráter emblemático e da tradição, só é possível como estético, na esteira das inovações semióticas do modernismo.

O caráter sebástico e a preocupação com o advento do Quinto Império devem-se, tanto na obra como na vida do próprio poeta, à sua profunda admiração pela erudição de Vieira. O que, em *Mensagem*, aparece explícito em um poema:

SEGUNDO V ANTONIO VIEIRA
Imperador da lingua portuguesa (p.63)

Significativamente, Vieira aparece não na sua histórica posição de jesuíta ou de orador eloqüente e intelectual da época barroca, mas como "Imperador". A invenção da língua, na poesia pessoana, manifesta sintonia com o espírito moderno e ao mesmo tempo revela-se o lugar de sua manifestação política e patriótica: "Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa."^{xxviii} A missão de Pessoa,

em *Mensagem*, é a de superar o mal-estar da virada do século, percebido por poetas e filósofos, na contracorrente da euforia progressista que grassava nas grandes capitais, e que, em Portugal transcorre com peculiaridades frustrantes, por exemplo, de uma Lisboa provinciana e atrasada. O ressentimento se faz sentir intensamente pelo poeta, dentre os desqualificados da corrente desenvolvimentista. "Dentre os escritores, o poeta lírico é o mais desalijado pelo público moderno (como apontou Benjamin). Dentre os europeus, o português se sente particularmente retrógrado e rejeitado."^{xxx} Por isso o sujeito, que ressalta deste projeto *Mensagem*, é o de um herói.

No ensaio "Die Moderne", Walter Benjamin comenta a posição de Baudelaire, para o qual o herói é o verdadeiro tema da Modernidade. "Isto significa que para viver a modernidade é preciso uma formação heróica."^{xxx} O sentido de herói em Pessoa se confunde com a de sua missão como gênio: "Agora, tendo visto tudo e sentido tudo, tenho o dever de me fechar em casa no meu espírito e trabalhar, quanto possa e em tudo quanto possa, para o progresso da civilização e o alargamento da consciência da humanidade."^{xxxi} Exclusão da sociedade e incompreensão não são o elemento definidor do heroísmo em Pessoa. Prova disso é que ele não pode ser alinhado entre os poetas "malditos". Ele é o herói missionário, projetando em *Mensagem*, o sentido de recuperar em si - no sujeito lírico - o ideal português da grandeza atlântica: no vácuo de sua própria identidade se deixa impregnar de uma falta de identidade do próprio país. Começa estabelecendo, a partir do mito e da existência das próprias figuras históricas, o ser de Portugal: (Ulisses) - "Sem existir nos bastou/ (...) E nos creou."; (Viriato) - "Assim se Portugal formou."; (Nunalvares) "Senhor, falta cumprir-se Portugal!". A alienação social de Pessoa não afirma um sentido de opção de classe, ou seja a classe dominante, a elite. Pessoa é coerente na sua ideologia conservadora e liberal, mas que a sua obra revele essa opção é discutível. Suas posições políticas estão condicionadas a uma preocupação fundamentalmente estética: o lugar do poeta na sociedade é a sua preocupação com uma política, ainda que estranha e confusa, cultural para Portugal. Por vezes, coloca-se acima das questões de ordem cotidiana da vida social, para ser uma espécie de "avatar" dos cânones superiores para a solução dos problemas do seu

país. Mas, em outras situações, se apresenta como "emissário" cuja missão é justamente esquecer a missão de um "rei" que sequer sabe se existe.

Na poesia de Pessoa, essa situação neurótica tem uma saída pela ironia, como já foi apontado, que já em Baudelaire assumia um caráter peculiar. O poeta de "As flores do mal" tinha um comportamento em defesa de uma arte-pela-arte, postura de dândi, e pintura verde nos cabelos, porque, segundo Benjamin, assimilara o choque d ascensão do capitalismo que transformava o objeto artístico, a saber, a poesia, em mercadoria. Ou seja, o poeta precisava "vender" o seu produto para sobreviver. Mas é significativo considerar o caso diverso de Pessoa, uma vez que ele, por decisão, só publicou um livro; mas deixou meticulosamente preparada uma vasta produção por editar, ou seja, para ser "comercializada" post mortem.

Tem-se, então, um quadro absolutamente peculiar e instigante: poeta modernista que procura realizar uma obra épica, a qual, ao fim das contas, resulta lírico-dramático-épica. ela crise do sujeito, pela sintaxe alterada, pela fragmentação, não a unidade conciliadora - mas a afirmação da contradição, vê os seus projetos como expectativa apenas. de resto, essa mesma é a experiência do intelectual europeu do início do século, frente à decrepitude do pensamento ocidental, a degradação das relações sociais, a despeito do positivismo científico dominante. O que se agrava em Pessoa é o fato de ser português e estar em Portugal:

Significa ser o decaído das antigas grandezas, o provinciano com aspirações-saudades cosmopolitas, o enjeitado da Europa; significa estar informado do progresso e quase não ter acesso a ele, viver num país agrário na época da industrialização; significa, quando se é poeta, ter um público de analfabetos.^{xxxii}

Nesse quadro, que Portugal a poesia de *Mensagem* refere, o da expansão e dos descobrimentos? O da saudade? O presente? Ou o Quinto-Império ainda por se consolidar?

3. Portugal alegórico

A partir do emblema principal, o "brasão", Portugal é figurado no contexto europeu, de modo muito peculiar, no primeiro poema de *Mensagem*. Os verbos nestes versos estão no presente, o que tanto pode indicar a posição de atualidade do sujeito, quanto o da permanência do objeto: "A Europa jaz", "O cotovello esquerdo é recuado", "Este diz Inglaterra", "em que se appoia o rosto", "O rosto com que fita é Portugal".(p.45) O mesmo ocorre em relação aos outros elementos do emblema, como no "V. O TIMBRE": "Tem aos pés o mar novo e as mortas eras"(p.51), ou em "UMA ASA DO GRYPHO": "Braços cruzados, fita além do mar."(p.52) E, ainda, no poema "A OUTRA ASA DO GRYPHO": "De pé, sobre os paizes conquistados/ Desce os olhos cansados".(p.52)

Na segunda parte de *Mensagem*, "Mar Portuguez", o recurso no emprego dos tempos verbais remete para uma ação do sujeito procedendo a leitura do passado para julgar o presente:

I. O INFANTE

.....
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal! (p.53)

Interessante observar o emprego de "O infante" no título do poema. Como se trata de um termo polissêmico, e pela prática pessoal de dar um tratamento lúdico ao emprego das palavras, é possível deduzir a insinuação do duplo sentido: infante, como filho dos reis de Portugal, mas não herdeiro da coroa; no caso de Portugal, por delegação divina deveria cumprir a vocação do Mar, que não se consolidou; e infante, como o que está na infância. Observando o último verso "falta cumprir-se Portugal!", poder-se-ia inferir como o que não saiu da infância, similar daquela condição em que os regentes ocupavam o trono para cumprir interinamente o mandato real.

Ainda quanto ao emprego do tempo presente, no último poema, há uma consideração definidora, quase como sentença:

QUINTO / NEVOEIRO
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer (p.66)

Enquanto que, na apresentação de personagens - figuras históricas, predomina o uso do tempo passado, em diversas referências ao "País", aparece o tempo presente, como denunciador de uma referência imediata, ou presentificada. Cristina Pena Marin, no ensaio "Sujeito, espacio y tiempo en el discurso"^{xxxiii}, alude aos dêiticos como índices da posição espaço-temporal do sujeito. No verso citado, observa-se o emprego do demonstrativo "Este fulgor", indicando proximidade e presença, e não "aquele", que intui afastamento e ausência. Tal emprego, aliado ao fato de situar Portugal como predicativo através de um copulativo no tempo presente, indica a hipótese de que o sujeito de Pessoa está a "ver" um Portugal, que se apresenta e é constante, para produzir o seu pensamento sobre o que é e o que deveria, ou poderia, ser a identidade que busca deduzir dos emblemas nacionais, históricos e míticos.

Agrava o estado de ânimo de Pessoa o contraste entre a sua posição de poeta diante dos fatos presentes de Portugal e a relação possível do poeta contemporâneo das eras de glória portuguesa e a própria História, recuperada em *Mensagem*, na pessoa de D. Diniz, que era um poeta: "Na noite escreveu um seu Cantar de Amigo"(p.48). Aquele rei-poeta podia vislumbrar a sua utopia: "O plantador de naus a haver", e tinha o poder de transformá-la em feito histórico, em realidade: "E a falla dos pinhaes, marulho obscuro/ É o som presente d'esse mar futuro". Já a contemplação que realiza o sujeito de *Mensagem* revela, no discurso, uma crise em que tanto o sujeito quanto a Pátria presente se ressentem do poder de realização: o poder e o renome. Significativamente, na divisão que recebe o nome de "Os tempos", e no poema "Primeiro/ Noite" o poeta manifesta essa constatação. Em quase todas as culturas civilizadas, a palavra "noite" dá suporte a uma alegorização de período de "obscurantismo":

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
O Poder e o Renome -

Ambos se foram pelo mar da idade
À tua eternidade;
E com elles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de heroe,
Queremos ir buscá-os, d'esta vil
Nossa prisão servil:

É a busca de quem somos, na distância
De nós; e, em febre de ancia,
A Deus as mãos alçamos.
Mas Deus não dá licença que partamos.

Deve-se destacar que, quando faz referência ao tempo presente, olha para o passado, e estabelece a condição atual, situada pela expressão "d'esta", adjetivando a condição presente com dois termos que rimam: "vil-servil", em que o trocadilho se insinua no segundo termo para uma dimensão ontológica: "servil". Mas fica patente a falta de condições de resgatar o "sido", com a expressão de profunda angústia e niilismo: "Mas Deus não dá licença que partamos:.. Enquanto os dois primeiros pediram ao "Rei" e se lançaram ao mar, o terceiro roga a "El-Rei". Importante observar que uma das designações judaicas de Deus é justamente "El". As duas estrofes citadas acima contêm o apelo deste "terceiro": seriam Bandarra e Vieira os primeiros e o próprio Pessoa de *Mensagem* o terceiro? O certo é que os poemas anteriores referem justamente os "avisos" e seguem nesta ordem, em que o "Terceiro" apresenta a própria fala do sujeito de Pessoa só podia contemplar melancolicamente um país sobre o qual restava dizer: "Ó Portugal, hoje és nevoeiro..."(p.66) Percebe-se, então, que os símbolos históricos e pátrios, resgatados emblematicamente, no conjunto da obra, assumem o valor alegórico do desconforto existencial do sujeito diante de uma realidade adversa:

TERCEIRO

Screvo meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.

.....
Só te sentir e te pensar
Meus dias vácuos enche e doura.

.....
Quando virás, ó Encoberto
Sonho das eras portuguez,

.....
Ah, quando quiserás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando? (p.63)

Os "dias" do poeta, e que ele situa no presente, são "vácuos", preenchidos pelo pensamento e a certeza do mito, decantado pela saudade, no sentido que lhe confere Alfredo Antunes em seu ensaio sobre saudade em Pessoa: "Saudade profética que integra a nostalgia do passado na ânsia messiânica do futuro."^{xxxiv} Ainda, para Maria da Glória Padrão: Na Mensagem, a história nacional é mais um pretexto para pensar uma pátria remota que há para além da vida; a vontade que lançou os nossos navegantes em busca do longe, serve de incentivo para novamente conquistar '... a Distância-/ Do mar ou outra, mas que seja nossa!'(p.59)

É preciso perpassar a impressão cifrada nos versos, em relação ao contexto histórico em seus desdobramentos: o plano referencial externo - Portugal nas três primeiras décadas deste século, como ironia das figuras atípicas do Portugal dos séculos X a XVI, dimensionadas epicamente na obra; e o plano emotivo, da referência interna do sujeito que contempla o estágio atual da vida nacional e revela impressões sobre os símbolos históricos, numa alegoria do homem politicamente situado e existencialmente dividido, configurando a dimensão lírica de *Mensagem*: "O homem e a hora são uma só". (p.48)

Conclusão

Imagens oníricas e saudade - na acepção politicamente portuguesa - em Pessoa, personificam uma vocação poética e visionária, sucedânea das prefiguradas nos discursos de Bandarra e Vieira, como argumento no discurso-denúncia e expectante de *Mensagem*. Nesse caso, coerente com o caráter da modernidade, pois a poesia moderna não se limita apenas a fugir de um real adverso, mas afirma uma utopia que, por contraste, é uma permanente acusação daquilo que, nesse real, impede a plena realização dos mais altos ideais humanos. A poesia preserva o sonho como a possibilidade de um projeto, que possa dar um valor às ações, que as salve da cegueira e da brutalidade.^{xxxv}

Manter a integridade da língua consistia num projeto pragmático de Pessoa:

O imperialismo dos gramáticos dura mais e vai mais fundo que o dos generais. É um imperialismo de poetas? Seja. (...) O imperialismo de poetas dura e domina; o dos políticos passa e esquece, se o não lembrar o poeta que os cante.^{xxxvi}

Seu projeto poético visava manter a língua eficiente, abrindo-a para virtualidades de pensamento e ação; criar mitos como metas de ação. E Pessoa criava seus mitos do espólio místico-cultural ibérico, dando um caráter muito particular ao sebastianismo e o advento do Quinto Império:

Quando, em *Mensagem*, o Poeta aparentemente allarga seu Eu lírico, para ser o vate das antigas grandezas portuguesas e o profeta do Quinto Império, a epopéia redundante também em auto-análise. A navegação se metaforiza como o anseio da descoberta de um Eu que é, ao mesmo tempo, a identidade nacional e a auto-identidade pessoal: 'quando virás, ó Encoberto/ Sonho das eras portuguez(...). Tornar-me mais do que o sopro incerto'.^{xxxvii}

Para o poeta, a arte, e não a História e que deve servir de guia para as gerações vindouras. Sobre a sua própria arte investiu um caráter de verdade, contando com a plenitude do signo poético como plenitude de uma realidade transvestida, em que o mito preenche o vácuo do sujeito (e do objeto: Portugal) fazendo do "nada, tudo".

Em um texto recolhido em suas Obras completas, com o título de "EXPLICAÇÃO DE UM LIVRO: [MENSAGEM], Pessoa afirma:

Segue daí que, quanto mais intensamente formos patriotas - desde que saibamos ser patriotas -, mais intensamente nos estaremos preparando, e conosco aos que estão conosco, para um conseguimento humano futuro, que, nem que Deus o faça impossível, deveremos deixar de ter por desejável. A Nação é a escola presente para a super-Nação futura.^{xxxviii}

No último verso de *Mensagem*, mais do que uma exclamação descritiva em frase de efeito, o poeta desenvolve poeticamente esse desejo de afirmação: "É a hora!"(p.66), que já aparecia cifrado nos outros poemas, primeiro como identidade: "O homem e a hora são uma só"(p.48); depois como indecisão: "Não sei a hora, mas sei que há a hora"(p.58); que acresce ao estado de ânimo uma vontade, que se projeta no devir: "demore-a Deus"(p.58).

O desejo que é, sobretudo, o de um sujeito exaltado: "a minha alma atlântica se exalta", confunde-se com o do conhecimento, da redenção e o próprio tempo:

TERCEIRO

.....
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Por isso reitera nas estrofes anteriores da sentença definitiva "É a Hora": "Ninguém sabe... Ninguém conhece..."(p.66). Segundo Alfredo Antunes: "Nos 'desvios', 'Erros' e 'atrasos' da atual civilização, referidos no texto de Pessoa, vai já delineada a hora civilizacional presente conforme aparece ao seu zelo patriótico. E é sobre essa "hora" que convém determo-nos em primeiro lugar, para avaliarmos o anátema que sobre ela lança o poeta, enquanto, por outro lado vai nascendo, reforçado, o espírito de missão civilizadora a que ele próprio se sente vocacionado.

Decepcionado com os tempos que corriam - estamos na decadência da Monarquia e entusiasmo pelos novos ideais republicanos - Pessoa, em vários escritos de natureza sócio-política, vai criticando impiedosamente homens e instituições pelo que têm de corrupto, confuso e, sobretudo, de 'não nacionais'.^{xxxix}

Em seu texto *Sobre Portugal*, em que pretende ser didático, quanto ao problema nacional, Fernando Pessoa assim se refere quanto à identidade do povo:

Há três espécies de português. (...) O Português do tipo imperial absorve a inteligência com a imaginação; (...) Daí os Descobrimientos que são um emprego intelectual, até prático, da imaginação. (...) E esta nova espécie de mentalidade influi nas outras qualidades mentais do português: por influência dela a adaptabilidade torna-se ativa, em vez de passiva, e o que era habilidade para fazer tudo torna-se habilidade para ser tudo.^{xl}

Da carência de nacionalidade vem, em Pessoa, a necessidade de um supra-Camões que recomponha o épico dos escombros das novas eras; desde um remoto e profundo sentimento nacionalista vem a necessidade do anúncio de um Quinto Império cultural:

Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!(p.53)

Na divisão de *Mensagem*, que recebe o título de O ENCOBERTO, reserva um juízo escatológico ao Portugal presente, "Aqui, onde há só sargaço"(p.65), o lugar na cena poética em que, em vez do "mar" como caminho aberto para o futuro, símbolo das grandezas do passado, só há a vegetação de algas, temor das antigas embarcações. Esse "Aqui" desdobra-se como lugar de adversidade e provação:

A terra será teatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.(p.61)

Vem, Gallaz com patria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo.

Como projeta para o futuro um Portugal renovado, Império de grandezas espirituais e culturais, um "dia claro" - a alegoria do conhecimento e da revelação, o presente recebe a definição metafórica de "atro/ Da erma noite", em que é preciso vir um novo herói erguer a "alma penitente" do povo, sujeito a uma "suprema prova", e que terá seu fim inelutável. Daí o projeto pessoano de constituir em sua obra, reconstituindo o mito, um super-sujeito descobridor, profeta, e "o desejado", mais que o desejador: "Ah, quando quiserás, voltando,/ Fazer minha esperança amor?".

Exemplificando a megalomania do poeta, em seu sentimento patriótico, Alfredo Antunes transcreve um trecho coletado em *Páginas de sociologia e política*, com o pensamento de Pessoa, o qual dá a dimensão da camada mais profunda dos propósitos de *Mensagem*, na qual, se confundem a vida e a ficção extraída dos mitos históricos, na intenção de uma Pátria renovada:

Eu, da Raça dos Descobridores, desprezo o que seja menos que descobrir um Mundo Novo! Quem há na Europa que ao menos suspeite de que lado fica o Novo Mundo agora descobrir?

Quem sabe estar em um Sagres qualquer? Eu, ao menos. sou da estatura da Ambição para Senhores, não para escravos! Ergo-me

ante o sol que desce, e a sombra do meu Desprezo anoitece em vós!
Eu, ao menos, sou bastante para indicar o Caminho! Vou indicar o
Caminho! ^{xii}

Bibliografia

- ANTUNES, Alfredo. *Saudade e profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983.
- BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- _____. *Documentos da cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix/Ed.USP, 1986.
- CENTENO, Ivette K. *Fernando Pessoa: O amor, a morte, a Iniciação*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1985.
- CIDADE Hernâni. *Portugal histórico-cultural*. Lisboa: Editorial Presença, 1985.
- COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: Verbo/Ed.USP, 1977.
- PADRÃO, Maria da Glória. *A metáfora em Fernando Pessoa*. Porto: Editorial Nova, 1973.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.
- PESSOA, Fernando. *Fernando Pessoa: o amor, a morte, a Iniciação*. Lisboa: A Regra do Jogo Edições, 1985.
- _____. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- _____. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.
- _____. *O eu profundo e os outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- _____. *Sobre Portugal - Introdução ao problema nacional*. Lisboa: Ática, 1979.
- QUADROS, António. *Fernando Pessoa - vida, personalidade e gênio*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1984.
- QUESADO, José C.B. *O constelado Fernando Pessoa*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1982.
-

NOTAS

- ¹ QUADROS, António. *Fernando Pessoa - vida, personalidade e génio*. 2. ed. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1984. p.249.
- ² COELHO, Jacinto do Prado. *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. São Paulo: Verbo/Ed.USP, 1977. p.63.
- ³ DE MANN, Paul. "The rethoric of temporality". In: *Blindness and Insight: essays in the rethoric of contemporary criticism*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1983. p.187.(xerox)
- ⁴ BENJAMIN, Walter. *Documentos da cultura, documentos da barbárie: escritos escolhidos*. Tradução de Celeste H.M. Ribeiro et al. São Paulo: Cultrix/Ed.USP, 1986, p.22.
- ⁵ SEABRA, José Augusto. *Fernando Pessoa ou o poetodrama*. São Paulo: Perspectiva, 1982, p.153.
- ⁶ PADRAO, Maria da Glória. *A metáfora em Fernando Pessoa*. Porto: Editorial Inova, 1973, p.125.
- ⁷ Idem, ibidem, p.129.
- ⁸ PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Todas as citações dos poemas referem-se à mesma edição e serao, daqui por diante, seguidas apenas pelo número de página.
- ⁹ DE MANN, Paul. *Op.cit.*, p.220.
- ¹⁰ Idem, ibidem, p.222.
- ¹¹ Idem, ibidem, p.226.
- ¹² PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Fernando Pessoa, alguém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1982, p.46.
- ¹³ Carta de janeiro de 1915.
- ¹⁴ QUADROS, António. *op. cit.*, p.234.
- ¹⁵ Idem, ibidem, p.234.
- ¹⁶ CIDADE, Hernâni. *Portugal histórico-cultural*. Lisboa: Editorial Presença, 1985, p.254.
- ¹⁷ Idem, ibidem, p.263.
- ¹⁸ PESSOA, Fernando. Páginas de doutrina estética. In: CIDADE, Hernâni. *op. cit.*, p.152.
- ¹⁹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Op. cit.*, p.10.
- ²⁰ SEABRA, José Augusto. *Op. cit.*, p.159.
- ²¹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Op. cit.*, p.28.
- ²² PESSOA, Fernando. *Sobre Portugal*, p.191.
- ²³ QUADROS, António. *Op. cit.*, p.244.
- ²⁴ PESSOA, Fernando. *Op. cit.*, p.182.
- ²⁵ QUADROS, António. *Op. cit.*, p.248.
- ²⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Op. cit.*, p.11.
- ²⁷ SEABRA, José Augusto. *Op. cit.*, p.153.
- ²⁸ SIMÕES, João Gaspar. *Vida e obra de Fernando Pessoa. História de uma geração*. 2. ed. Lisboa: Livraria Bertrand, s/d, p.673.
- ²⁹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Op. cit.*, p.60.
- ³⁰ BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Tradução de Heindrun K. Mendes da Silva et al. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p.12.
- ³¹ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Op. cit.*, p.41.
- ³² Idem, ibidem, p.58.
- ³³ MARIN, Cristina Pena. *Análisis del discurso. Hacia una semiótica de l Interacción textual*. Madrid: Cátedra, 1993, p.89-147.
- ³⁴ ANTUNES, Alfredo. *Saudade e profetismo em Fernando Pessoa*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 1983, p.462.
- ³⁵ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Op. cit.*, p.63.
- ³⁶ PESSOA, Fernando. *Sobre Portugal*, p.240.
- ³⁷ PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Op. cit.*, p.72.
- ³⁸ PESSOA, Fernando. *Obras em prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986, p.71.
- ³⁹ PESSOA, Fernando. *Op. cit.*, p.435.
- ⁴⁰ Idem, ibidem, p.84.
- ⁴¹ ANTUNES, Alfredo. *Op. cit.*, p.121.